

## RABISCOS DE UM ESCRIVINADOR

( Nessa seção reproduzimos algumas das crônicas germanais publicadas pelo responsável por esta revista às quartas-feiras, no **Correio Popular**, de Campinas. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram divulgadas ).

## 124. A PROPÓSITO DA "CABANAGEM"

Uma indagação de simples curiosidade bibliográfica levou-me, há pouco, a consultar o excelente estudo de Basílio de Magalhães sobre a "Cabanagem", movimento sedicioso que agitou a província do Pará na época da Regência. Depois de estudar, com toda a erudição que lhe era peculiar, o movimento paraense, o historiador mineiro ( tão vinculado a Campinas, como se sabe ) comenta a bibliografia existente sobre o assunto, aliás, até pequena, pois, no seu próprio dizer, "se há episódio sobre o qual pouco dizem os nossos compêndios, grandes e pequenos, é precisamente o da Cabanagem". Arrola, contudo, quatro "pequenas mas inesquecíveis monografias", todas elas publicadas no século passado, e da autoria de Isidoro Francisco Guimarães ( testemunha ocular do movimento ), Felipe José Pereira Leal, Domingos Soares Ferreira Pena e Bento de Aranha, e ainda menciona mais dois ou três livros onde a "Cabanagem" vem estudada.

Feitos pequenos mas suficientes comentários a cada um dos livros citados em seu trabalho ( originalmente uma conferência no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, publicada na revista do Instituto e depois reunida a outros trabalhos para formar o volume **Estudos de História do Brasil**, publicado em 1940 ), refere-se Basílio de Magalhães a três autores estrangeiros que escreveram sobre o movimento paraense: o francês Emile Carrey, o norte-americano Daniel Kidder e o alemão Samuel Gottfried Kerst. Respeitando a Kidder e tratando com benevolência a von Kerst, diz o diabo do escritor francês, "fecundo, mas de pouco ou nenhum fulgor intelectual que, na segunda metade do século passado, perpetrou quatro volumes sobre a Amazônia, dois dos quais especialmente consagrados à guerra civil ali desencadeada". Na realidade, os livros de Carrey não são propriamente de história, mas romances de ambientação histórica. Contudo, Basílio não os poupa: "Além da mancheia de insultos e ridículos, vomitados sobre a nossa pátria por esses grosseiros romances, tudo mais que deles consta é de todo imprestável a quaisquer respigas de dilucidação histórica".

O historiador nada informa quanto ao autor francês, além da violenta (e provavelmente justa) apreciação de seus livros sobre a Amazônia. Os que trataram da bibliografia francesa sobre o Brasil (Garraux, Raeders, Alfredo de Carvalho) apenas enumeram seus livros, sem qualquer comentário. O velho Larousse informa que ele nasceu em Paris em 1820, foi bibliotecário da Câmara dos Pares, realizou viagens aos Estados Unidos e à América do Sul, publicou um documentário sobre o governo provisório francês de 1848, um livro sobre os Estados Unidos, outro sobre o Peru, além dos três que dedicou ao Amazonas. Era deputado, quando faleceu em 1880. Suas obras, informa o grande dicionário, "oferecem interesse, mas pecam pela excessiva prolixidade". (23-1-1985).

\*

## 125. O DEVER DA VERDADE

Os que se interessam pela história contemporânea do Brasil têm na coleção "Brasil-Século 20", da Editora Nova Fronteira, uma já bem numerosa série de livros sobre os mais diversos assuntos, preenchendo sensível lacuna em nossa bibliografia histórica. A coleção dá mais ênfase ao período que se seguiu à Revolução de 1930, inclusive com a reedição de obras que já se haviam tornado raras, de acesso difícil aos leitores interessados. A coleção tem se mostrado bastante eclética, refletindo, em seus volumes, todos de bela apresentação, as mais diversas tendências. Desta maneira, preenche melhor sua finalidade.

Um dos últimos volumes da coleção — **Marechal Eurico Gaspar Dutra: o dever da verdade** — constitui, segundo as palavras da apresentação, "um levantamento completo da vida e da ação política de um dos homens públicos brasileiros mais importantes deste século". Seus autores, Mauro Renault Leite e Novelli Júnior, genros do ilustre militar e presidente da República, dispuseram dos arquivos da família, divulgando, assim, inúmeras informações, muitas delas confidenciais, a respeito dos movimentos revolucionários de 1930 e 1932, do tenentismo, do Estado Novo, da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial e de numerosos outros momentos da vida nacional nos quais o Marechal Dutra foi presente e atuante. Seus capítulos, todos subdivididos em tópicos, facilitando assim a leitura, tomam como referência a carreira e a função exercida pelo biografado, desde sua infância em Cuiabá MT, onde nasceu a 18 de maio de 1883, até a posse na presidência da República, aos 31 de janeiro de 1946. O tópico final do volumoso livro (quase oitenta páginas) é precisamente o discurso com que se empossou na chefia do governo federal, como primeiro presidente eleito, diretamente pelo povo, após a Revolução de 1930. Parece ser

intenção dos autores publicar um segundo volume, compreendendo os governo de Dutra e os finais de sua vida.

Publicado ao ensejo do transcurso do centenário de Eurico Gaspar Dutra, o belo volume insere-se entre as grandes contribuições à “compreensão integral do nosso passado recente”. A seriedade com que Mauro Renault Leite e Novelli Júnior elaboraram esta obra isenta-a do caráter encomiástico e panegírico, tão freqüentes em livro desta natureza. Bem: é preciso ter em mente que um dos autores é historiador e pesquisador dos fastos de sua velha Itu, e ainda autor de um dos mais importantes livros sobre o grande Feijó, livro que bem merecia ser reeditado quando, no ano passado, comemorou-se o bicentenário do grande paulista. Se se pode esperar por um segundo volume de **O Dever da Verdade**, podem crer os autores que ele será muito bem esperado. (17-4-1985)

\*

## 126. NÍSIA FLORESTA

Transcorreu, há cerca de duas semanas, o centenário do falecimento daquela que Oliveira Lima considerou “a mais notável mulher de letras do Brasil”: Nísia Floresta Brasileira Augusta, nome literário de Dionísia Gonçalves Pinto Lisboa, nascida numa pequena vila do Rio Grande do Norte, hoje cidade com o seu nome, em 1809 e falecida em Rouen, França, em 1885. Seu curioso pseudônimo tem sido explicado da seguinte forma: **Nísia** é o final de seu prenome; **Floresta**, o nome do sítio onde nasceu; **Brasileira**, uma afirmação nacionalista; **Augusta**, uma referência a Augusto de Faria Rocha, seu segundo marido, ou, ainda, segundo alguns, uma referência a Augusto Comte, o fundador do Positivismo, que ela bem conheceu em Paris e de quem se tornou adepta. Na realidade, poucos sabem o seu nome, pois foi com o pseudônimo que se impôs na vida literária, especialmente na forma abreviada, isto é, simplesmente Nísia Floresta.

Talvez tenha sido a pioneira dos movimentos feministas no Brasil, pois em 1832, vivendo no Recife, traduziu e publicou famoso opúsculo inglês, **Direitos das Mulheres e Injustiças dos Homens**, bastante revolucionário para a época. Ao fundar, no Rio de Janeiro, um estabelecimento de ensino, procurou nele desenvolver programa igualmente revolucionário em matéria de educação feminina. E é importante observar que muitos de seus escritos foram divulgados na Europa, em traduções para o francês e o italiano.

Depois de diversas viagens à Europa, fixou-se definitivamente em Paris, onde teve oportunidade de relacionar-se com expressivas figuras

das letras francesas, como, entre outros, Lamartine, George Sand, Victor Hugo e, ainda, os italianos Manzoni e Massimo D'Azeglio, que viviam na capital francesa. Foi em Paris que teve oportunidade de relacionar-se com Augusto Comte, acompanhando, inclusive, um curso que o mestre ministrou sobre História da Civilização.

Suas tendências liberais levaram-na; ainda no Brasil, a lutar pela Abolição e pela República e a escrever em defesa dos "praiheiros" de 1848, em Pernambuco. Da mesma forma que se interessou pelo ideal da unificação italiana, correspondendo-se com Mazzini e Garibaldi.

A exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro, Campinas teve a feliz idéia de homenageá-la dando seu nome a uma via pública. Só que, ao contrário dessas cidades, onde as vias públicas em sua homenagem chamam-se apenas **Rua Nísia Floresta**, a Prefeitura de Campinas, seguindo péssimo hábito, entendeu de dar à rua o seu nome completo, isto é **Rua Nísia Floresta Brasileira Augusta**. Para quê ? a resposta só pode ser uma: vontade de complicar... ( 8-5-1985 ).